

Espiando o mundo e fuçando a memória: o método de Câmara Cascudo e Leonardo Mota

Luiz Rodrigues¹

RESUMO

Quem lê ou venha a ler os escritos, ou conversas, de Luís da Câmara Cascudo a respeito de cultura e tradições percebe a busca incansável pela maior distância possível no tempo ou no espaço da origem de um costume; gestos ou expressões ditas por contemporâneos era explicada pelo professor provinciano através de resquícios literários ou etnográficos grafados em textos clássicos ou documentos históricos; segundo ele mesmo o percebido se antecipava ao lido. Cascudo diz ser muito do que escreveu coisas presenciadas por ele mesmo na infância no sertão do Rio Grande do Norte, memória guardada e depois usada comparativamente com memórias registradas documentalmente ou mantidas no inconsciente imaginário popular.

Palavras-chave: Câmara Cascudo; Leonardo Mota; cultura; tradições

Quem lê ou venha a ler os escritos, ou conversas, de Luís da Câmara Cascudo a respeito de cultura e tradições percebe a busca incansável pela maior distância possível no tempo ou no espaço da origem de um costume²gestos ou expressões ditas por contemporâneos eram explicadas pelo professor provinciano através de resquícios literários ou etnográficos grafados em textos clássicos ou documentos históricos, segundo ele mesmo o percebido se antecipava ao lido. Cascudo diz ser muito do que escreveu coisas presenciadas por ele mesmo na infância no sertão do Rio Grande do Norte, memória guardada e depois usada comparativamente com memórias registradas documentalmente ou mantidas no inconsciente imaginário popular.

A obra de Cascudo possui uma profundidade, além de narrativa, filológica, conceitual e etnográfica especial. Já o cearense Leonardo Mota foi um divulgador incomparável, entrevistando na primeira metade do século XX cantadores sertanejos que ficaram como os maiores da história. Gravou para a posteridade relatos vivos, grafando o sertão para a imortalidade das letras. Cascudo percorreu o sertão potiguar em 1934 ao lado do interventor Mário Câmara e fez outro grande relato do mundo sertanejo que ia perdendo o isolamento que

¹Bacharel em Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: luizrodrigues873@gmail.com

²A conduta, cum-ducere, é o dinamismo impulsionador, o sistema fisiológico do costume, mas implica requisitos morais e técnicos, fidelidades aos modelos anteriores, aos padrões normativos que se consagraram no espírito do povo. A conduta é o comportamento, o procedimento, restringidos às fronteiras da norma. A norma é o modelo estabelecido pela repetição do costume no tempo, regulando, guiando, mantendo a direção (CASCUDO, 2004, p. 160) Fonte alterada

o tornara em um lócus vivo do quinhentismo ibérico. Eram os homens certos no local e no tempo certo.

Gostaria de relembrar algumas crenças e superstições que vivenciamos já num momento bem tardio da vida sertaneja, entre a década de 1990 e início dos anos 2000, também no sertão potiguar. São crenças que envolvem um misticismo crente na força de espíritos, assim como da proteção destes com elementos cristãos, mas certamente miscigenados em longínquos costumes “pagãos”, e também a presença das “almas”, muitas vezes almas bem traquinas.

A ordem moral dialético-ideológica sertaneja

O mundo sertanejo é tripartido em três instâncias: de justiça ou tentação, a ordem divina, a sobrenatural ou mística e a humana. A ordem divina é superior a todas, infalível; o sobrenatural se refere ao cruzamento de seres do “outro mundo” com este ou da existência de seres místicos, da tentação, o benefício com malefícios, responsabilidade de quem ousa. Logo, incapaz de competir com o poder divino. A lei dos homens é a mais desprezível nessa concepção de mundo, somente desfeita e reatada a igualdade no outro mundo.

A grande concepção de justiça sertaneja é de natureza moral, o “aqui se faz aqui se paga” que, logicamente, resulta em vindita privada. O crime mais abominável no sertão é o roubo, o homicídio se resolve com a vingança, o ladrão é mais abominável do que o homicida (MELLO, 2011). Outras implicações são comportamentais, assim, não se deve comemorar ou se entusiasmar com a desgraça de outrem, sob pena de sofrer o mesmo. Quando alguém não salda uma dívida vezes ocorre de o credor deixar para o devedor “beber de caldo no inferno”. A justiça divina sempre perfeita em relação à justiça do homem.

Para fins de justiça, no sertão genuíno o que prevalecia era a moral³, a lei vinha em segundo plano, devido também a ineficácia e distância do poder do Estado. Daí a dificuldade de introdução das concepções legais advindas do liberalismo, cidadania individual e universal ao mesmo tempo. Diferente da comuna americana, no sentido de cidadania, nunca de comunização da propriedade, o “comunarismo” brasileiro se estabelece através de relações pessoais; como fazia Assis Chateaubriand, não importa o dinheiro, mas sim a troca de favores.

³ “O Direito tem uma função objetiva e a moral uma função subjetiva interior abstrata. O Direito é sempre uma relação de interesses humanos e a moral uma regra suprema de orientação espiritual.” (CASCUDO, 2004)

Para o indivíduo fora de uma teia de favores restava a astúcia particular. O personagem mais marcante aqui é Pedro Malasartes, estórias amplamente recolhidas por Cascudo. Nunca ouvimos narrativas de Malasartes, mas sim de Camonge; creio tratar-se do mesmo personagem, com nome diverso. Malasartes é usado por Roberto DaMatta para trabalhar esse tipo de individualismo nacional, não subversivo, apenas servindo de lição, troco.

Superstições

Uma concepção de mundo moral parte de uma base imaginária, Cascudo detalhou ao máximo a superstições comuns ao povo brasileiro desde a publicação de Anúbis, o que continuaria ao longo de toda a vida, sempre explorando ao máximo a antiguidade e a universalidade: “Nenhuma civilização morre” (2004); curiosamente com Anúbis e outros ensaios a obra de Cascudo começa pela morte, só se sabe o que é a vida quando se conhece a morte.

Gente dos “olhos ruins” coloca “olhados”⁴ naquilo que admiram; pessoas com essa “qualidade” possuem a “força” de, ao invejarem, causarem transtorno na pessoa ou coisa (semovente) invejado. Animais invejados por detentores de tal prodígio adoecem e morrem se por acaso não se tomam providências mágicas para suprimir dito efeito; a beleza pessoal admirada, da mesma forma, causa o adoecimento do admirado, sendo necessária a intervenção de um rezador para “benzer”, daí a origem da expressão “tem que mandar benzer” (servindo como proteção ou cura): o rezador com sua “reza”, usando ramos verdes retiram tal moléstia advinda de olhos mal aventurados. É muito comum as pessoas do sertão, quando se referem a beleza ou mesmo feiura e magreza de outrem, pronunciar “benza-te Deus”, como forma de não provocar mau-olhado, quando termina a reza os ramos murcham, segundo diz devido ao ato mágico, certamente devido a cessação do fornecimento da seiva da planta.

Ainda vimos nos anos 1990 mães esconderem suas filhas de um sujeito portador de mau-olhado, grande admirador de cabeleiras femininas, segundo se dizia ou fazia o cabelo cair ou causava febres de lascar, sujeito bastante elogiador, por sinal. Vi pessoas se expressarem

⁴ “Alteração da saúde, causada por influência de olhos-maus. Quebranto, feitiço, olho, mau-olho, mau-olhado: em todo o Brasil central possui ainda o seu misterioso poderio, e indivíduos há possuidores de tal fama, eu ‘até olhar ofende.’” (CASCUDO, 2001)

como de “corpo fechado”, ou seja, imunes a mau-olhados⁵ ou de terem o corpo invadido por espíritos zombeteiros, “isprito zambeteiro”, também usado para desqualificar pessoas impossíveis. Certa vez, um sujeito se admirou demais por um periquito preso numa gaiola, insistiu para comprar, os donos não venderam; no outro dia estava morto...

É muito comum o termo porcaria (poiquera) para se referir a feitiços preparados, macumbas, mandinga⁶: “Diz-se mais comumente macumba que candomblé, no Rio de Janeiro, e mais candomblé que macumba, na Bahia. Macumba, na acepção popular do vocábulo, é mais ligada ao emprego do ebó, feitiço, coisa-feia, muamba, mais reunião de bruxaria que ato religioso como o candomblé” (CASCUDO, 2001).

Para efeito de comparação, no folclore tradições se identificam e se diversificam, as descrições da Caipora⁷ que pude verificar aqui no Seridó potiguar era a de uma figura feminina: “uma menina baixinha que usa chapéu e que detesta cachorros”, tratada amigavelmente por “Rosinha”; uma “miscigenação” de vários entes folclóricos. O fato de detestar os cachorros se deve ao fato de ser o grande companheiro do caçador, certamente como o Curupira, essa Caipora seridoense protege e defende os seres da Caatinga. Ouvi histórias em que o cachorro grunhia na mata e o caçador atribuía isso a uma surra executada pela Caipora; como proteção, se deixava pacotes de fumo em troncos ou em ganchos de árvores, isso tornava a Caipora cordial evitando tais surras. Essa Caipora é responsável pelas tranças em rabo de cavalo, comumente traquinagem atribuída ao Saci.

O Saci não era descrito por agricultores seridoenses, conheci em livros ou na televisão. Agora se atribuía aos redemoinhos comuns nos meses da segunda metade do ano na Caatinga, devido a poeira solta, a entidades mágicas. Os moleques mesmo da nossa época provocavam redemoinhos com a expressão “rapadura preta com farinha”, sempre desaconselhado pelos mais velhos, alegando casos em que meninos haviam sido jogados em moitas de xiquexique pelo vento ciclônico; justamente pelo fato de árvores com espinhos serem consideradas no mínimo

⁵ “Os olhos exercem uma fascinação, registrada nos livros clássicos, de tal maneira que pessoas da Ilíria podiam matar, estando irritadas, olhando fixamente. É o mau-olhado, o olho de seca pimenteira. A crença é universal e milenar. Mau-olhado, mal occhio, evil eye, base blick, mal de ojo, fascínio, olho grande etc.” (CASCUDO, 2001)

⁶ “Feitiço, despacho, mau-olhado, ebó. Os negros mandingas eram tidos como feiticeiros incorrigíveis. Os mandingas ou malinkes, dos vales do Senegal e do Níger, foram guerreiros conquistadores, tornados mulçumanos.” (CASCUDO, 2001)

⁷ “É o curupira, tendo pés normais. De cá, mato, e porá, habitante, morador. O curupira é um caipora, residindo no interior do mato, nos troncos das velhas árvores. Do defensor das árvores passou a protetor da caça. Em qualquer direção, pelo interior do Brasil, o caipora-caipora é um pequeno indígena, escuro, ágil, nu ou usando tanga, fumando cachimbo, doido pela cachaça e pelo fumo, reinando sobre todos os animais e fazendo pacto com os caçadores.” (CASCUDO, 2001)

com cautela (cruz de Cristo?). A árvore preferencial para fazer as fogueiras de São João é a catingueira, lisa, sem espinho algum. Para afastar o redemoinho se faz uma cruz com os dedos indicadores das duas mãos cruzados. A mística da cruz sempre presente no imaginário sertanejo: ouvi o relato de uma mulher possuída que corria atrás de outra pessoa com uma faca e diante de uma porteira sertaneja, onde existe o formato da cruz nas tábuas traçadas, prontamente ficava paralisada ao se deparar com o símbolo.

Parte considerável das mandingas feitas no sertão envolve cururus; ouvi um caso de um senhor centenário ter sido vítima de feitiço, quando este armava a rede caía enorme quantidade de sapos. Acredita-se que doenças violentas podem ser obra de feitiçaria ou que bêbados facilmente são invadidos por espíritos. Veja só, minha avó costumava até nomear o dito cujo! “Espritado”⁸ ou “espiritou-se” são expressões que significam grande impulsividade e destemor, talvez remetendo aos cultos da macumba onde na chegada da entidade, o sujeito que recebe se sacode em demasia. Aqui se diz baixar o “espírito”. “Tá com cão dos infernos” tem o mesmo significado, está extremamente agitado ou bravo; “tá com o cão nos couros” talvez remeta ao cachorro da tradição homérica que guardava o hades. Também cachorro da “mulesta” (moléstia), doença ou coisa ruim?

Em Florânia-RN, corria a fama ainda nesse período tardio de “curador”, certamente tradição de origem africana miscigenada com a pajelança indígena, sempre consultado sobre feitiços e apropriação de pessoas por maus espíritos ou busca por animais desaparecidos. Rezas que fazem o animal aparecer, assim como existem as rezas de apagar incêndios ou curar rezas de “bicheiras pelo rastro”. Presenciei todas, todas descritas magnificamente por Cascudo, sugerindo neste breve apenas a leitura, a seguir descrita na Bibliografia.

Um detalhe curioso que nos chamara a atenção nessas memórias: existia um indivíduo absurdamente temente de maus espíritos, ainda típico soldador de painéis, outrora comum no Nordeste rural. Comerciante de rádios, este senhor mantinha acima da porta interna da sala um boneco confeccionado com a cera de uma abelha nativa, sem ferrão, chamada amarela, cera negra, facilmente manejável e moldável, simplesmente “produzida”, bastando que depois de se espremer o mel se lave com água e se faça uma esfera, um boneco com a representação do falo masculino em tamanho desproporcional à imagem como forma de impedir a entrada de maus

⁸ “Para nós o espritado, com o espírito, figura o irrequieto, buliçoso, turbulento. É comum significar moléstias mentais, caracterizadas pelos acessos convulsivos, explicados por atuação diabólica.” (CASCUDO, 1977)

espíritos. Lembro que na Bíblia há a passagem do sangue na soleira da porta, certamente Cascudo encontraria casos de uso de imagens como estas.

Muito comum também o uso de cruzeiros confeccionadas com folhas de coqueiros “bentas” no Domingo de Ramos e posta na porta de entrada das casas para proteção do lar. Uma crença que visualizei bastante foi a de fazer o sinal da cruz, benzer-se, antes de entrar na água para banho de açude, mesmo não conhecendo folclore a época ainda perguntei o significado, cria-se que o contato com a água é propício a entrada de espíritos. Dormir sem camisa também é mal indicado, favorece sonhos e pesadelos assombrosos, principalmente com defuntos dos quais se tem medo de vê-los depois da morte, às vezes parentes. Casos de “almas” que balançam os punhos da rede ou pega no pé do que dorme numa rede ouvi aos montes.

Cascudo menciona o costume de origem indígena, descrito por Jean de Léry quando conviveu com os Tupinambás, de sair de casa à noite somente com um tição, lembro que normalmente se deslocava de casa ou com uma lamparina ou com as já eletrônicas lanternas a pilhas. Temia-se a visualização de luzes na mata perto da estrada ou veredas por onde se passava, chamadas tochas; contava-se histórias de grandes carreiras noturnas por causa de velas ou reflexos de vidros colocados em estradas. Cada qual tinha sua narrativa com assombração, mais facilmente “encontradas” nas horas fechadas, meio-dia, seis horas e meia-noite; experiência sempre solitária.

Tinha um caso em um local onde se dizia haverem sido enterrados garotos em que se praticava a tradição judia, muito comum no Seridó, de colocar pedras no local fúnebre ou em cruzeiros; contava-se que acontecia de alguém ir de bicicleta e por mais força que se fizesse não conseguia sair do lugar até colocar uma pedra na cruz improvisada.

Havia muitas crenças ou superstições de natureza digamos assim clínicas, ligadas ao que não se deve fazer ao estar com alguma enfermidade ou restrições com sentido místico. Presenciei o costume de não cortar o cabelo quando se estava gripado, de outra natureza havia o tabu de nunca fazer-se a barba até a celebração da missa de 30 dias diante da morte de parente. Não comer carne quando morre alguém, diante da semana santa, e não sair à noite na sexta-feira santa. O ramo aqui no Seridó se referia a paralisias, principalmente facial, ao acordar devia esperar algum tempo até lavar o rosto, caso contrário poderia-se “apanhar um ramo”, na locução colhida por Cascudo (1977) ramo significa doença propagada pelo ar. Outra recomendação era não beber água quando se acordava durante a noite e tomar banho com o “corpo quente”.

Pela mesma porta em que se entra em uma casa se deve sair. Uma vez, um sujeito havia entrado em dada casa pela cozinha e pediu licença ao dono para sair pelo mesmo local, chama-se enguiçar. O mesmo ocorre se alguém estiver deitado no chão e outro lhe passa por cima do corpo; o enguiçado obrigava o enguiçador voltar para desfazer o efeito. Arremedar as palavras ditas por alguém, repetir exatamente o que outro diz, era afronta grave, ou traquinagem de moleque “comedor de corda”.

O rezador, detentor do poder da reza, é figura de prestígio no meio sertanejo; nos estudos do chamado ciclo do gado, Cascudo descreve a “curador de rasto”⁹. Ainda presenciei esse tipo de crença, vi ser aplicada para curar bicheira em gado, para apagar incêndio ou para curar dores de dente. Conheci um sujeito de tinha a fama de ser “curado de cobra”, de fato, não sei se pela grande quantidade de álcool sempre ingerida ou não, de fato picadas de cascavel não lhe causavam efeito algum; já o curador ouvi apenas memórias contadas; pelo que lembro o mordido de cobra se visse um curador morreria fatalmente, o olhar; se utilizava um objeto, cinturão principalmente, para curar a vítima do acidente. Acredita-se que o fumo e o alho conseguem ser antídotos contra o veneno de serpentes; a história do tejo (tejuacu) que sempre

⁹ “O curador de rasto é um ‘curioso’ da veterinária empírica, com a fama prestigiosa de feiticeiro. Faz cair os bichos (vermes) das bicheiras dos animais sem que o veja, usando apenas forças das fórmulas oracionais. São ensalmos numéricos, em colocação decrescente, que obriga a diminuição das entidades sob sua influência na mesma ordem em que foram os números indicados.

O ensalmo mais popular entre os curadores de rasto é o seguinte:

Mal que comeis
A Deus não louvais,
E nesta bicheira
Não comerás mais!
Hás de ir caindo
De dez em dez,
De nove em nove,
De oito em oito,
De sete em sete,
De seis em seis,
De cinco em cinco,
De quatro em quatro,
De três em três,
De dois em dois,
De um em um!
E nesta bicheira
Não ficará nenhum!
Há de ficar limpa e sã
Como limpas e sãs ficaram
As cinco chagas
De Nosso Senhor!
(CASCUDO, 1955)

briga com serpentes onde há o pinhão da Caatinga (*Jatropha mollissima*) devido ao fato de quando sofre uma mordida da cobra imediatamente o lagarto morde o pinhão sorvendo-lhe o leite que o torna imune, podendo assim vencer o combate sempre era contada.

Para sair da banda

Numa latada de casa de taipa no ano seco de 1998, quando tinha 5 anos, uma senhora narrava ter visto na seca de 1970; todo sertanejo antes da urbanização tinha estórias de seca a contar, o ano era lembrado; um cururu engolir um guaxinim, o contrário ocorre normalmente, isso daí seria um prodígio, mas no sertão tudo pode acontecer...

Assombração que costura, balança rede ou espíritos maus que assopram nos ouvidos para perturbar o vivente; a tentação de uma simbologia fatal, o mundo de Deus, palco da luta dos homens pela sobrevivência, enfrentando os elementos deste e de outro mundo.

O mundo das histórias no oitão, das estórias com assombração sempre a noite para deixar com medo quem vai voltar para casa no escuro. As superstições, os gestos e as locuções, todas na mão e folha de um observador que conta tudo.

Referências

- CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura**: pesquisas e notas de etnografia geral. São Paulo: Global, 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária**. Rio de Janeiro, 1955.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa, 2011.
- MOTA, Leonardo. **Cantadores**: poesia e linguagem do sertão nordestino. Rio de Janeiro: J. Castilho, 1921.

MOTA, Leonardo. **Sertão Alegre**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.